uma lógica paramétrica realizada sobre a garrafa de Klein: a alienação na tópica narcisista e a articulação isso-inconsciente

Carlos Bermejo Mozas

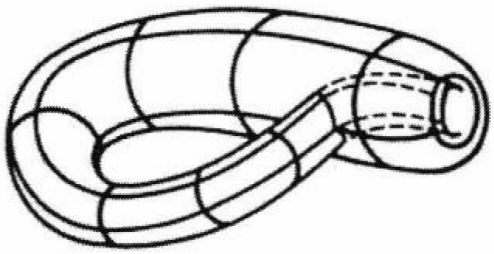


Figura 1. Garrafa de Klein
Fonte: *Enciclopedia de las matemáticas*. Moscou / Madri: Editorial Mir. Rubiños, 1860. Vol. 9-2, p.395.

apresentação

A proposta deste ensaio é utilizar a lógica paramétrica apresentada por Jean-Michel Vappereau em seu livro *LU*[1] com o objetivo de esquematizar as articulações de Lacan, tanto na alienação no campo narcísico (*Le séminaire – Livre XI*[2]) quanto para poder estabelecer as operações de alienação, transferência e verdade no campo da relação com o Outro (*Le séminaire – Livres XIV e XV*[3]). Damos por conhecida do leitor a primeira teoria da alienação, entre o simbólico e o imaginário (*Le séminaire – Livre XI*). De fato, usamos a negação do *sou* no inconsciente como seu correlato.

Situamo-nos, portanto, no momento da passagem da primeira formulação do aparato psíquico (o plano projetivo de *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*[4]) para a segunda, o nó borromeano de *Encore*[5], momento em que Lacan corrige o curto-circuito de que "Isso fala no Outro" para propor uma articulação entre a estrutura da linguagem[6] e o inconsciente como um encontro sob o qual estará o real, um real ainda não tratado por meio do conceito de discurso, que aparecerá anos depois.

[1] Bertheux, Sottiaux & Vappereau (1998).
[2] Lacan. Le séminaire – livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1963-1964) (1973).
[3] Lacan. *Le séminaire – livre XIV: La logique du fantasme (1966-1967)* (Inédito) e *Le séminaire – livre XV: L'acte psychanalytique (1967-1968)* (Inédito).
[4] Lacan. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose (1956/1966).
[5] Lacan. *Le séminaire – livre XX: Encore (1972-1973)* (1975).
[6] Estrutura gramatical exceto a primeira pessoa. Não se trata da estrutura "retórica" típica do inconsciente. É a primeira maneira encontrada por Lacan para abordar a pulsão (sem mito) com um aparato de linguagem. Este para o circuito; o teorema de Stokes para o *Drang* e a teoria de conjuntos para o *a* como signos obtidos dos possíveis recobrimentos do espaço de gozo, particularmente o mínimo, ou seja, finito: teorema da compacidade assegurada, particularmente para um conjunto de números reais fechado e demarcado (teorema de Heine-Borel), trabalho apresentado em *Encore*. A *Quelle* poderá ser abordada com base no trabalho efetuado em *L'etourdit* mediante a relação entre as topologias das duas superfícies: plano projetivo e toro. Em sua possível articulação se situam as bordas da pulsão, do

Lacan já havia desdobrado a cadeia significante em duas, a do enunciado e a da enunciação, para introduzir a pulsão como algo distinto do Outro, mas articulada com ele. Em *Le séminaire – Livres V e VI*[7], construiu o grafo do desejo ou da palavra, e, no *Le séminaire – Livre VII*, deu início a uma leitura do real por meio de *La Chose*, mas parecia que a base da enunciação só podia "falar" por meio da base do enunciado.

Depois de *Le séminaire – Livre IX*[8], no qual começa a fazer a topologia de superfícies, isto é, a topologia das extensões das cadeias do grafo do desejo (o toro para a demanda e o desejo – cadeia do significado –, e o plano projetivo para a fantasia e o desejo – curto-circuito imaginário), e depois do obstáculo de *Le séminaire – Livre XI*, para situar a pulsão no inconsciente, Lacan se dedica à junção das duas cadeias significantes (cadeias do significante e do gozo) com uma extensão: a garrafa de Klein (*Le séminaire – Livre XII*[9]). Já não estamos na articulação do simbólico em face do imaginário, e sim na primeira tentativa de construir a noção do simbólico perante o real. Essa noção havia ficado um pouco estacionária desde *La signification du phallus*[10], e na referência ao ser de gozo em *Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien*[11].

Em *Le séminaire – Livre XI*, apesar de tudo, há dois avanços. O primeiro é a definição significante do percurso da pulsão, de sua gramática; o outro é a ligação dessa pulsão a uma operação maior: a transferência. A conseqüência desses avanços é situar o significante com os índices unário e binário. O primeiro na linha do traço unário, e o segundo como definição do *Vorstelungsraëprasentaz* freudiano. Mas Lacan ainda situa o significante unário aparecendo *in initio* no Outro, ou seja, ainda arrasta o antigo conceito de que o Um provém do Outro tal como o define em *Le séminaire sur "La lettre vollé"*[12], quando, no fim, na formulação de parênteses dos parênteses, situa o Um do significante fora do campo dos parênteses como o Um da repetição. Ainda não há, portanto, uma diferença precisa entre os significantes do Ideal do Outro, do saber S_2, e o que serão os S_1. Devido a esse curto-circuito, Lacan não pode articular bem a pulsão no inconsciente como realidade sexual em *Le séminaire – Livre XI*. Em *Le séminaire – Livre XII*, ele começa a corrigir esse curto-circuito e, para isso, tem de recorrer a uma fórmula da teoria de conjuntos que não existe na lógica usual: *a soma disjunta*.

É impressionante a quantidade de voltas que Lacan dá antes de encontrá-la, em *Le séminaire – Livres XIV e XV*. A soma disjunta não é um *vel*, não é a disjunção excludente da lógica,

inconsciente e o corpo (entre o toro e o saco). A idéia obtida da voz passiva (agente, verbo e paciente) culminará com maior elaboração no conceito de discurso.

[7] Lacan. *Le séminaire - livre V: Les formations de l'inconscient (1957-1958)* (1998).

[8] Lacan. *Le séminaire - livre IX. L'identification (1961-1962)* (Inédito).

[9] Lacan. *Le séminaire - livre XII: Problèmes cruciaux pour la psychanalyse (1965-1966)* (Inédito).

[10] Lacan. La signification du phallus (1955/1966).

[11] Lacan. Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien (1960/1966).

[12] Lacan. Le séminaire sur "la Lettre volée" (1955/1966).

nem são as leis de Morgan com que Lacan começa a tratar o problema. A disjunção excludente supõe que ou dá *p*, ou dá *q*, mas não os dois de uma vez. Ao contrário, a soma disjunta é uma operação de soma de conjuntos que, antes de somá-los, disjunta-os. Disjuntá-los significa que, se têm elementos comuns (não são disjuntos), acrescenta-se a cada elemento do primeiro conjunto um subíndice (1, por exemplo) e, aos elementos do segundo conjunto, outro (2, por exemplo). Com isso, se diferenciam os possíveis elementos iguais dos dois conjuntos: nós os disjuntamos por definição. Assim, ao somá-los (por meio da operação de reunião), teremos um conjunto com os elementos dos dois conjuntos; logo, seu cardinal será a soma dos cardinais de cada um. Se não os tivéssemos disjuntado, isso não aconteceria e não seria uma soma, mas uma simples reunião.

Essa reunião, tão simples em matemática, deve ser dialetizada pela psicanálise para dar conta de dois problemas: a distinção entre Isso e Inconsciente ou, dito de outro modo, a junção da estrutura da linguagem e o dizer da palavra. Aí há uma *refente* do sujeito acrescentada à sua divisão entre a cadeia do significante e a do significado. Por isso o inconsciente fica situado na dupla abertura do grafo do desejo: abertura à esquerda, pela palavra e seu *après coup*, e acima, entre a estrutura pulsional e o dizer. Em outras palavras, entre o saber e o gozo, recobrindo em sua junção um real que, no entanto, é externo ao aparato, ainda que já representado pela pulsão. Isso e Inconsciente já estão separados no eixo da relação com o Outro no esquema *R*, em que o *S* se completa com o *ES* freudiano.

Assim, distinguimos dois tipos de significantes, unários e binários, mas que podem ser os mesmos como significantes. Parece-nos a melhor maneira de situar o significante, seja na estrutura da linguagem, como significante pulsional, seja no inconsciente, como significante do Outro.[13] Se os dois campos, o do Isso e o do Inconsciente, são disjuntos, mas a pulsão deve representar a realidade sexual no inconsciente, e se o sujeito do inconsciente deve encontrar um lugar na pulsão, como unilos novamente, sem juntá-los pelo *Je*, como faz Descartes?[14] É aqui que Lacan situará os dois parâmetros da psicanálise: a / $-\varphi$. O objeto *a* como objeto-signo que tampona o vazio simbólico, dando acesso ao real que dá início à pulsão, *La Chose*, e a castração como negatividade[15], marcando que o gozo sexual não pode se completar, e como o maior acesso possível do aparato psíquico ao real.

Contudo, Lacan deve respeitar a lógica estabelecida por Freud para o inconsciente e a pulsão em *Las pulsiones e sus*

[13] Depois serão S_1 e S_2. Os primeiros como enxame e os segundos como bateria, tal como definidos desde o princípio: um significante é um signo que pode passar a fazer parte de uma bateria significante, isto é, a passagem do signo (processo primeiro) a significante (processo primário). Depois, terá de voltar ao signo, mas ao "fazer signo".

[14] Descartes o faz em outra operação, que é a junção do ser com o pensar na razão filosófica, e não na razão analítica. É onde a psicologia, acrescentando o imaginário, cria uma confusão entre o *Je* e o *moi*, colocando tudo junto em um só elemento.

[15] Vale recordar que é impossível negativizar o significante, pois apenas a magnitude é negativizável. Não se deve confundir a inversão do espelho com a negativização.

vicisitudes[16], que não se baseia somente no dentro e fora, mas também articula o interior e o exterior. Além disso, deve ser compatível com a lógica estabelecida para o inconsciente em *Die Verneinung*.[17]

Para isso, usaremos duas ferramentas: uma topológica, a garrafa de Klein e os círculos possíveis sobre ela, e a lógica das duas negações a que já nos referimos.

Recordemos:

p	a	⌉ p	~p
0	0	1	0
0	1	1	1
1	0	0	0
1	1	0	0

ou seja, ~p = ⌉ p ∧ a

Graficamente:

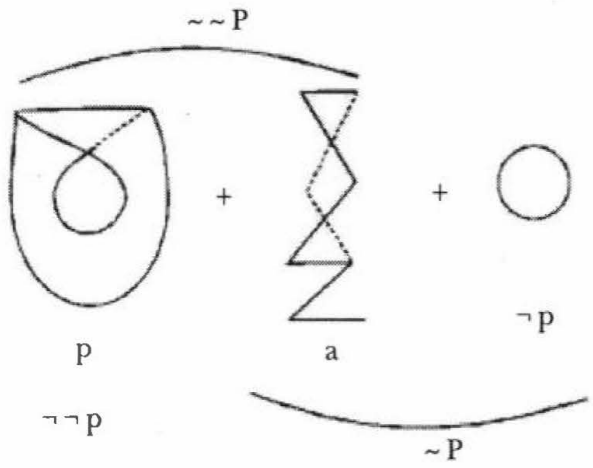


Figura 2

Tentemos expor por que a escolha da topologia, em particular a garrafa de Klein (Figura 1), e por que essa lógica. A negação clássica pode ser imaginarizada (ou estendida, como diriam os lógicos) sobre um plano infinito ou finito. Se a imaginarizarmos como um círculo[18] sobre o plano, teremos uma divisão em dois subplanos: um dentro do círculo, que coincide com os pontos em que a proposição é verdadeira, e outro fora do círculo, que coincide com os pontos em que a proposição é falsa. São os diagramas clássicos de Euler-Venn.

Assim, temos o plano dividido em duas partes, que podemos chamar, sem precisão, indistintamente, interior-exterior, ou dentro-fora.[19] Se o plano é finito, temos um universo do discurso definido, e se é infinito, não o temos e as coisas se

[16] Freud. Las pulsiones y sus vicisitudes (1915/1976).

[17] Freud. La negación (1925/1975). Em nosso trabalho intitulado *Lógica y topologia de la proposición del 9 de Octubre* (Biblioteca Freudiana de Barcelona), situamos também essa lógica em relação com o significante de uma falta no Outro.

[18] Em topologia, as circunferências recebem o nome de círculos.

[19] De fato, poderíamos dizer que exterior é o fora do plano, mas não há maneira de definir interior, pois coincide com exterior, ou melhor, um plano define dois lados, mas não o interior e o exterior. Esse exterior absoluto receberá mais tarde, na obra de Lacan, a conotação de agulheiro real.

complicam, pois a negação não coincide com a complementação de conjuntos. Sabemos que, em psicanálise, temos de diferenciar o fora de mim (mas dentro do aparato psíquico) do exterior (ou seja, não pertencente ao aparato psíquico). Em outras palavras, as duas polaridades freudianas do indiferente e o prazeroso-desprazeroso. De outro ponto de vista, diferenciar, no real, o real exterior do real representado dentro. Por isso Lacan diferencia o não-eu (fora) dentro do eu (interior), do exterior radical.

Se, como dissemos, não há universo do discurso, como definir as negações clássicas complementares? Uma solução consiste em utilizar uma superfície fechada[20] submersa dentro de um espaço euclidiano tridimensional. Assim, um círculo que a divida em duas, que a desconecte, permite estender ou imaginarizar essa negação ao fazer aparecerem dois pedaços, o verdadeiro e o falso. Dentro-fora (um pedaço verdadeiro e um pedaço falso) já não coincide com interior-exterior (os dois subespaços em que a superfície divide o espaço euclidiano tridimensional)[21].

Se tomarmos a mais simples, uma esfera, veremos que qualquer círculo a divide em duas pastilhas, o que nos serviria. Um círculo (significante em seu aspecto lógico) a divide em verdadeiro e falso. Mas, posto que interior e dentro ou exterior e fora são absolutamente disjuntos, não nos serve, pois sabemos que o mais íntimo do sujeito e o mais exterior estão em continuidade. De todo modo, a maior dificuldade provém de que, sobre ela, há somente um tipo de círculo, e portanto só podemos colocar uma negação clássica e, por conseguinte, sua divisão em dois pedaços. A solução é abandonar a esfera e passar a superfícies unilaterais ou não orientáveis.

Se escolhermos um plano projetivo, uma vez que não se pode submergir em terceira dimensão sem se auto-atravessar[22], resta apenas a possibilidade de imergi-lo, o que produz a linha de singularidade, e assim poderemos passar do interior para o exterior[23] em solução de continuidade, ainda que sendo disjuntos com o dentro-fora. Além disso, nesse plano existem três tipos de círculos: a) os que o desconectam em uma banda de Moebius e um disco; b) os que o abrem sem desconectá-lo, ficando como um *folio*; e c) os círculos duais dos a), isto é, os oito interiores que, aplicados à banda de Moebius obtida com um círculo do tipo a), dividem a banda em uma banda e uma tira (cf. Figura 2). Esses últimos fazem com que o plano se divida em três pedaços: banda, tira e pastilha. Essas três porções nos permitem pensar uma lógica sobre ele com duas negações e um parâmetro: o objeto *a* ou Helix.[24]

[20] O plano euclidiano é uma superfície aberta.

[21] A diferença é que, no caso do plano euclidiano como superfície, se diferenciam interior e exterior sem dificuldade.

[22] De fato, necessita de um espaço euclidiano de quatro dimensões para submergir sem se auto-atravessar (linha de pontos singulares).

[23] Ao passar a linha de auto-atravessamento, passamos do interior para o exterior, pois estamos ao mesmo tempo sobre a superfície e "debaixo" dela.

[24] Bermejo. *Lógica y topologia de la proposición del 9 de Octubre.*

Nas operações inconscientes, não devem se cumprir os princípios de não-contradição e do terceiro excluído. De fato, isso é o que nos indica o S (Ⱥ). Se seguirmos a lógica intuicionista, que mantém o princípio de não-contradição, mas não o do terceiro excluído, suas extensões devem ficar divididas em três partes. Logo, para a fantasia, teremos (posto que é consistente, mas incompleta) de definir essa segunda negação, já que necessitamos de outra negação compatível com a repetição que divida a superfície em três. Para isso, usamos a definida acima sobre um plano projetivo.

Agora, se quisermos abordar a lógica que se dá entre a cadeia da enunciação e a do enunciado, ou, dito de outro modo, a articulação Isso-Inconsciente, ou ainda, a estrutura da linguagem e a estrutura da palavra, como já indicamos, não se podem ter elementos comuns que não sejam parâmetros, e se os temos (o significante em sua dupla dimensão de saber e de pulsional), o único jeito será disjuntá-los. Poderíamos utilizar o plano projetivo, mas não nos serve pelo fato de que nos dá apenas um parâmetro, o *a*, e não dois, *a* e - φ. Ou seja, precisamos de duas bandas para fazer o corte do oito interior para obter os dois objetos. Por isso, uma garrafa de Klein, duas bandas costuradas, servirá: as duas são disjuntas, podemos fazer o corte duplo em cada uma delas e obter duas tiras que, sobrepostas, permitirão a união do *a* com o - φ, tal como aparece na teoria, levando-se em conta que é preciso ver o segundo como a moldura de uma tira vazada.

A articulação das duas polaridades, dentro-fora e interior-exterior, não disjuntas, só será conseguida até o nó borromeo. Nos esquemas de superfície, a articulação do exterior radical, que recobre o *a*, com o dentro se articula mediante a moldura do - φ.

Atravessando essa lógica da garrafa de Klein, abordamos tanto o esquema da alienação no campo do narcisismo quanto a soma disjunta de onde partimos (já que não existe ser no inconsciente, nem *je* que pensa no Isso) para efetuar, com base nela, as três operações fundamentais da lógica da fantasia: alienação, transferência e verdade, e suas conseqüências com referência ao ato, o *acting-out* e a passagem ao ato.

Uma pequena observação. Neste trabalho, utilizamos *Je* e *sou* como se fossem negações quando, na verdade, não o são. Pelo menos, não no sentido de uma operação com partícula de negação. São duas impossibilidades pela própria natureza

do simbólico: *Je* quer dizer que, pelo fato de que o Isso é o que pensa, não é o *Je* que o faz. *Sou* quer dizer que, pelo fato de aparecer o significante, já não há ser que não caia no des-ser; o significante só pode introduzir a existência lógica, portanto o ser fica perdido. Mas acompanhamos o rigor de Lacan ao introduzir as negações, embora retocando a negação no campo do Isso, fazendo-a cair sobre o *Je* para que fique mais claro. Lacan, já em *Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a "Verneinung" de Freud* [25], indicava que só por meio do símbolo da negação, e aplicado à negação, o discurso poderia retornar aí onde se jogava esse algo deixado-ser.

[25] Lacan. Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud (1956/1966).

Manter as duas formas negativas permite visualizar e mostrar com rigor e precisão que podemos, mediante as negações clássicas, positivar falsamente esse *sou* ou *je*, obtendo os pressupostos filosóficos do ser ou do pensar cartesianos.

Esquema 1: a alienação no campo narcísico

a) Primeira possibilidade da alienação no registro narcísico, partindo de que cada campo está imaginarizado como um plano projetivo:



Figura 3

Passamos a fazer as negações clássicas Þ não levamos em conta o objeto *a*.

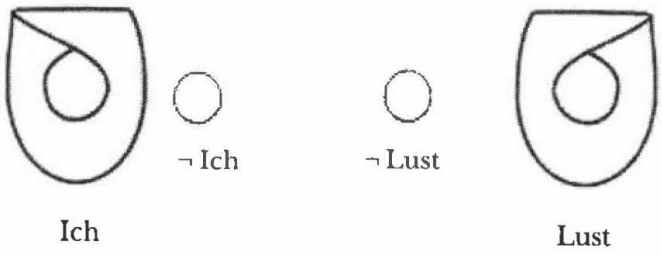


Figura 4

Fazemos com que os dois círculos das negações se recubram um ao outro.



Figura 5

Essa pastilha, dupla, converte em planos projetivos qualquer uma das duas bandas de Moebius. Lacan coloca da seguinte maneira: cada círculo é um plano projetivo.

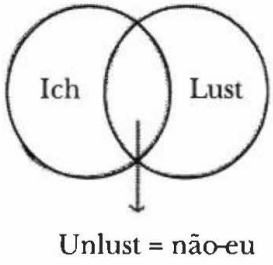


Figura 6

b) Agora levaremos em conta a segunda negação para contar com o objeto *a*, que é o que permite enfocar no espelho para ver o efeito do eu. Ou seja, a aplicação biunívoca entre i(*a*) e i'(*a*).

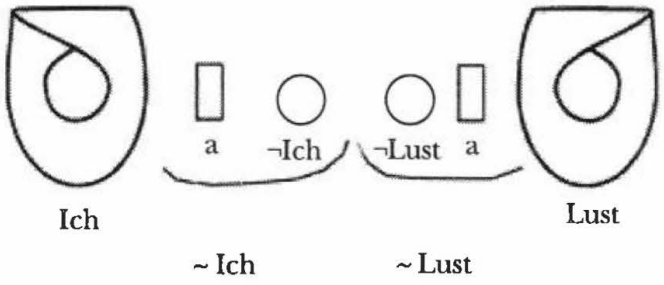


Figura 7

Agora unimos os dois *a*, que nos dão um cilindro, e tomamos as negações clássicas cruzadas:

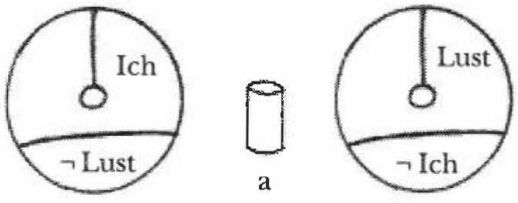


Figura 8

Sobrepomos os PP:

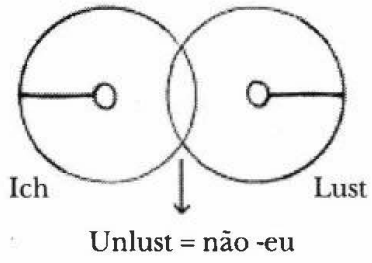


Figura 9

Lacan esquematiza assim: *Unlust* = não-eu.

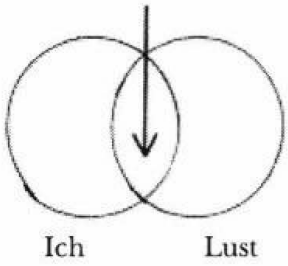


Figura 10

Se voltamos a nossos planos projetivos, fica de fora o *a*, que agora desenhamos na linha pontilhada sobre eles:

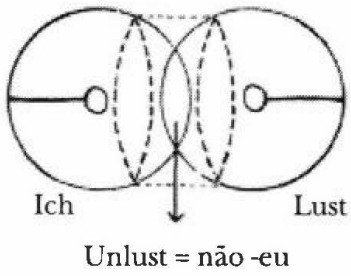


Figura 11

sendo a linha pontilhada as interseções com os planos projetivos do cilindro do objeto *a*.

Se o convertemos todo em círculos, e acrescentamos a operação de "espelhar", graças ao objeto a[26], o *lust* no *Ich*, temos o esquema de Lacan.

[26] Lacan já havia indicado, em *Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade"*, que é graças ao enfoque que permite as flores reais (*a*) mediante o qual o sujeito realiza a experiência, e não somente com o Ideal do Outro.

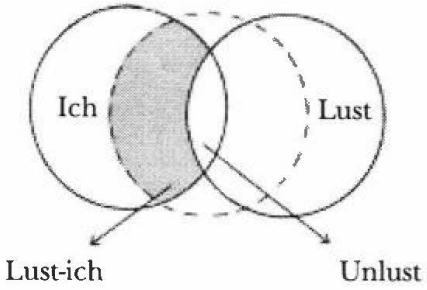


Figura 12

Esquema 2: a alienação no campo da linguagem

A lógica da junção Isso e Inconsciente

Agora não partimos de planos projetivos, mas de garrafas de Klein[27], nas quais suporemos que uma banda é a negação (clássica) da proposição da outra e vice-versa. Isso se justifica por duas razões.

[27] A garrafa de Klein é formada por duas bandas de Moebius costuradas pela bordas.

Em primeiro lugar, é a tese de Lacan de que não existe universo do discurso, logo, não existe um conjunto que represente o todo total perante o qual fazer a complementação ou a negação.

Em segundo, se existisse um universo do discurso, iríamos, mantendo o rigor de Lacan, na direção contrária às idéias expressas por Freud em *Os instintos e suas vicissitudes*, de que no princípio é a vastidão do real, o indiferente, e é dentro dessa vastidão que se criam os espaços egóicos ou simbólicos. Portanto não se nega perante o infinito, mas se nega, classicamente, perante o espaço, superfície fechada e não orientável, ou unilateral, construído em operações anteriores – a superfície submersa no real.

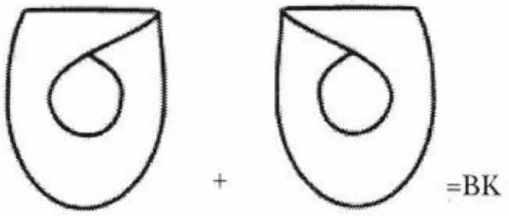


Figura 13

Ademais, teremos de usar essa negação junto com a negação, ~, um pouco melhorada, e que pode ir em dois sentidos.

Negamos (~) *a*

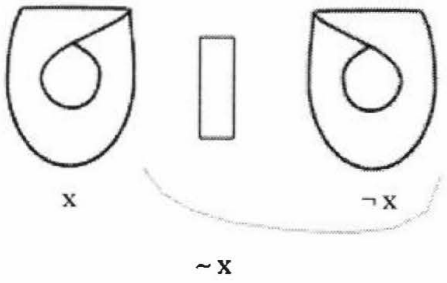


Figura 14

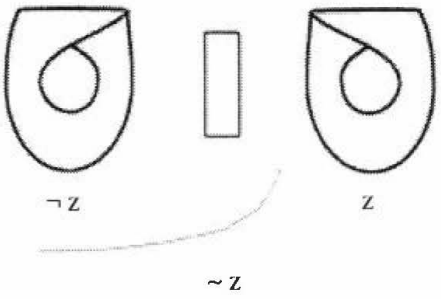


Figura 15

Devemos acrescentar outra negação de X, 8, que é pura necessidade com a teoria psicanalítica. Essa negação terá duas versões, que não diferenciamos para simplificar os cálculos.

Uma, 8, cai sobre o *sou* ⇒ ligado à alienação de *Le séminaire – Livre XI*: o significante em si mesmo faz oscilar o ser ou o sentido ⇒ se escolhe o ser, cai no des-ser; se escolhe o sentido, cai no sem-sentido.

Outra, 88, cai sobre o *Je*. É o *shifter* do sujeito, que encarnava o *ne* expletivo. Nega, pois, o *Je* como pensante, o que supõe um *pas-je*, *La logique du fantasme*, ou seja, o *ça* (Isso). Dará lugar ao falso ser.

Primeiro caso, sem buscar comunidade entre Inconsciente e Isso

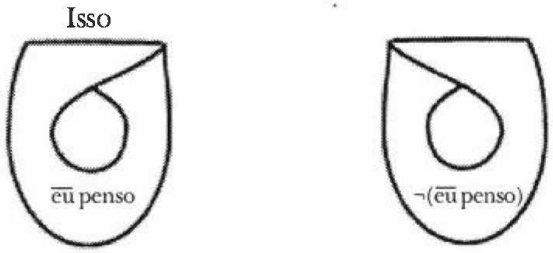


Figura 16

A negação clássica se dá agora perante a outra banda, e não à pastilha, como no plano projetivo. Usamos *eu* para indicar que o que se nega é que seja *Je* o que pensa, e não que "não se pensa", negação com a notação ⌉.

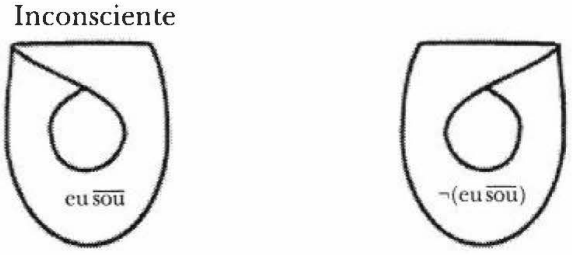


Figura 17

Aqui se nega *sou*, o *ser* pelo significante.
Se ⌉ (eu penso) ⇒ crença em que seja *eu* o que pensa.
Se ⌉ (eu sou) ⇒ falso ser.
Agora os sobrepomos, girando o *inconsciente.*

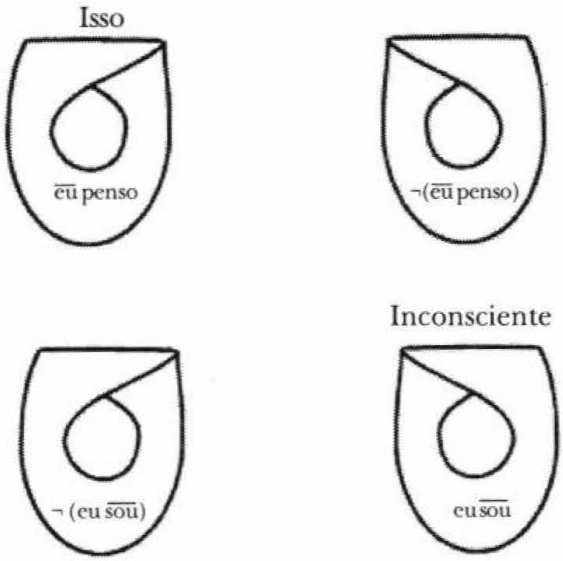


Figura 18

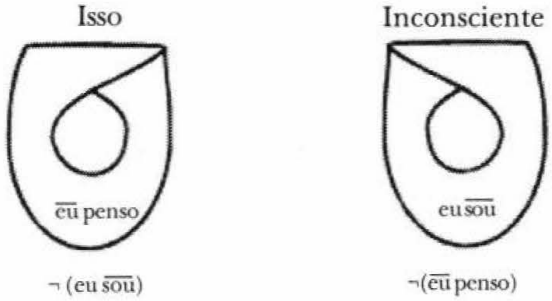


Figura 19

⇓

Falso ser coincide
com o Isso
Se eu não penso ⇒ sou

⇓

Crença no pensar do *je*
coincide com o inconsciente
Se eu não sou ⇒ penso[28]

[28] Vê-se, assim, como duas negações se articulam sobre a proposição, simulando negações clássicas, dando afirmações que Lacan considera falsas nos dois casos.

Se não há transferência, isso fica assim, nessa oscilação (ou eu não penso, ou eu não sou), com as duas possibilidades a escolher: *acting-out* ou passagem ao ato. *Ou eu penso ou eu sou* é mais bem formulado.

Segundo caso, a iteração em corte duplo ~

Sob transferência, podemos encontrar uma tira comum às duas bandas e, por isso, comum ao Isso e ao Inconsciente, sendo ao mesmo tempo disjunta. É uma dialética de encontro-desencontro.

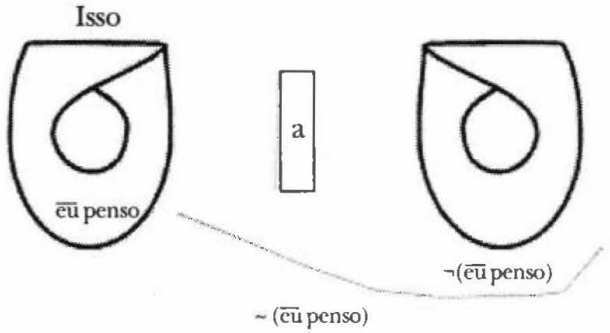


Figura 20

$\sim$ (eu penso) = $\urcorner$ (eu penso) $\wedge$ *a*

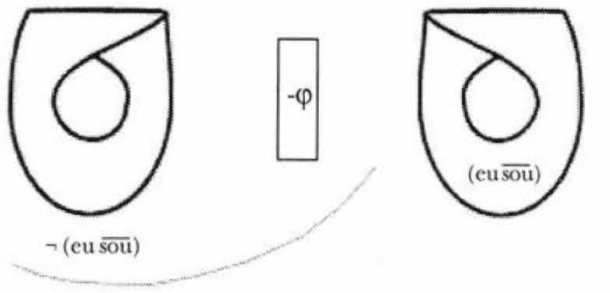


Figura 21

$\sim$ (eu sou) $\sim$ (eu sou) = $\urcorner$ (eu sou) $\wedge$ -φ

Agora as sobrepomos cruzadas.

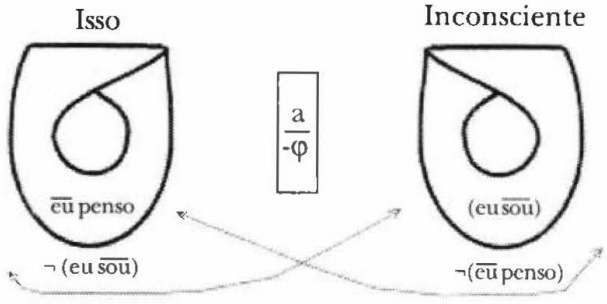


Figura 22

~ (eu sou)	~ (eu penso)
⇓	⇓
Falso ser incluindo o objeto *a*, mas com o - φ incluído	Crença em que *Je* pensa, mas com o -φ incluído no Inconsciente e tamponado por *a*, como um samburá

A oscilação passa a ser:

ou [~ (eu sou)] ou [~ (eu penso)]

~ (eu sou) = não é verdade que não sou, e temos *a*. Momento do falso ser, mas acrescentado ao semblante de ser.

~ (eu penso) = não é verdade que não sou eu o que pensa, e temos -φ. O sujeito encontra a castração imaginária lá onde crê que controla o pensamento.

Lacan, para maior clareza ou facilidade (ou simplesmente não o visualizou com esse rigor), põe círculos em vez de bandas, e a tira é a lúnula.

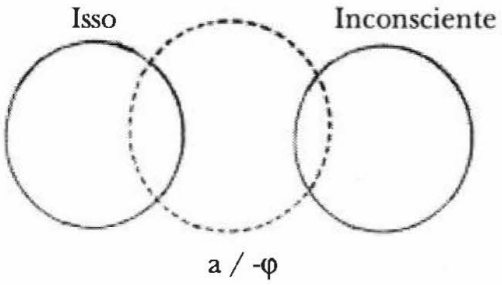


Figura 23

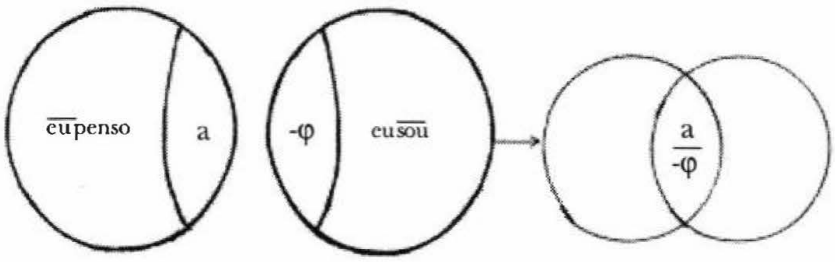


Figura 24

Ou não penso ou não sou, de forma muito simplificada.

A partir daqui, podem-se aplicar as operações de alienação, transferência e verdade.

⇓

Nova ⇒ já escolher um lado

Por um lado, vemos com clareza que o acesso ao real fica mediado por - φ, que, nesse momento da teoria, representa o gozo sexual que não pode se completar. É uma quantidade ou magnitude negativa que permite um controle do gozo, que, se acontecesse somente mediante o significante pulsional, levaria diretamente à mania, pois não há maneira alguma de ser controlado, isto é, de introduzir uma negatividade que o limite. Por outro, vemos como aí onde estava esse -j, aparece o objeto *a* no imaginário (graças ao simbólico) para tamponar essa negatividade. Na análise, devem poder se separar, ao menos durante algum tempo.

TRADUÇÃO: ANGELA LOBO DE ANDRADE



referências bibliográficas

BERTHEUX, Saint Arnaud; SOTTIAUX & VAPPEREAU Jean-Michel. *Topologie en extension.* Paris, 1998.

FREUD, Sigmund. (1915) Las pulsiones y sus vicisitudes. In: *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1976. Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1925) La negación. In: *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1976. Vol. XIX.

LACAN, Jacques. (1955) Le séminaire sur "la Lettre volée". In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. (1956) D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. (1956) Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre V: Les formations de l'inconscient (1957-1958).* Paris: Seuil, 1998.

LACAN, Jacques. (1958) La signification du phallus. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. (1958) Remarque sur le rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et structure de la personalité. In: *Écrits.* Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre VI: Le désir et son interpretation (1958-1959).* Paris: Association Freudienne Internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre VII: L'éthique de la psychanalyse (1959-1960)*. Paris: Seuil.

LACAN, Jacques. (1960) Subversion du sujet et dialectique du désir dans l'inconscient freudien. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre IX. L'identification (1961-1962)*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1963-1964)*. Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XII: Problèmes cruciaux pour la psychanalyse (1965-1966)*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XIV: La logique du fantasme (1966-1967)*. Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XV: L'acte psychanalytique (1967-1968)*. Paris: Association Freudienne Internationale, 1997. (Publication hors commerce).

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XX: Encore (1972-1973)*. Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1973) L'Étourdit. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

LACAN, Jacques. La logique du fantasme. In: *Autres écrits*. Paris: Seuil, 2001.

resumo

A proposta deste artigo é utilizar a lógica paramétrica proposta por Jean-Michel Vappereau em seu livro *LU* com a finalidade de esquematizar as articulações efetuadas por Lacan, tanto na alienação no campo narcísico (*Le séminaire – Livre XI*) quanto na alternativa para estabelecer as operações de alienação, transferência e verdade no campo da relação com o Outro (*Le séminaire – Livres XIV e XV*). Ao mesmo tempo, oferecemos esquemas extensivos sobre superfícies topológicas, particularmente sobre a garrafa de Klein, das operações lógicas em que se sustentam essas articulações.

Situamo-nos, portanto, no momento da passagem da primeira formulação do aparato psíquico (esquema *R*, plano projetivo, de *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*) para a segunda, o nó borromeano, momento em que Lacan corrige o curto-circuito segundo o qual "Isso fala no Outro" para propor uma articulação entre a estrutura da linguagem e o inconsciente como uma articulação sob a qual estará o real, um real ainda não abordado por meio do conceito de discurso, que aparecerá dois anos depois, nem pelos andaimes da escrita, que aparecerão três anos depois.

palavras-chave

alienação, isso, inconsciente, topologia, lógica psicanalítica

abstract

The aim of the present article is to use parametric logic proposed by Jean-Michel Vappereau in his book *LU*, in order to outline the articulations made by Lacan regarding both alienation within narcissistic field (*Le séminaire – Livre XI*) and the alternative on which to set the operations of alienation, transference and truth within the field of relationship to the Autre (*Le séminaire – Livres XIV et XV*). We offer as well extensional diagrams on topological area – particularly on a Klein bottle – of those logical operations supporting the said articulations.

We are placed then in the moment of transition from the first formulation of psychic structure (R diagram, projective plane, the Writing *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*) to the second formulation, the Borromean knot, when Lacan corrects the short circuit where "the Id speaks in the Autre", to propose an articulation between language structure and the unconscious as an articulation under which the Real is placed, a Real not approached yet through speech concept – this would arise two years later- nor through writing scaffolding, which would arise three years later.

keywords

alienation, id, unconscious,
psychoanalytical topology,
psychoanalytical logic